

S. Miguel de Chorente

CHORENTE, orago S. Miguel, foi reitoria da apresentação alternada do Papa e do Arcebispo de Braga. O Reitor desta freguesia, por sua vez, apresentava vigário nas anexas de Macieira e Paradela.

De *Florente*, nome próprio latino, vem Chorente (1).

Confronta esta freguesia pelo norte com a de Góios, pelo nascente com a das Carvalhas e a de Fralães, pelo sul com a de Chavão e a de Negreiros e pelo poente com a de Macieira e a de Gual.

Foi Comenda da Ordem de Cristo.

D. Francisco de Portugal, Marquês de Valença, em 1720, fez Tombo desta Comenda o qual me parece ser o último. Os seus marcos divisórios têm gravada a cruz de Cristo e por, baixo as letras—M. D. V. L.^a, que querem dizer: Marquez de Valença, em cuja casa andou esta comenda, e mais abaixo ainda a data 1720, ano em que foi feito aquele Tombo.

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação — «De Sancto Michael de Chorenti », nas Terras de Faria.

(1) P.^o António G. Pereira-Trad. Populares, pág. 343.

Nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo algum e que dos seus moradores uns pagavam *voz* e *calúnia* e outros não.

Na História da Ordem de Malta lê-se que em S. Miguel de Chorrente havia «honrra des o rio allem contra Chavã, e dentro tras termos jazião herdades de mosteiros e de Chavã e de Goyos, que de tudo usavam per honrra».

Várias ordens e mosteiros tinham pois aqui terras e mui principalmente a Comenda de Chavão, da Ordem dos Hospitalários de S. João de Jerusalém, ou de Malta, a qual teve, além doutras terras, a Casa *do Hospital*, cujo nome lhe advém daquela ordem, a *Quintã de Chorenti*, doada à comenda de Chavão por Vermudo Vermuiz, e um *casal* em Souto, etc.

Parte desta freguesia está situada na encosta norte do monte da Saia e parte em planície.

Terra fértil, é atravessada pelo ribeiro a que aqui chamam da Várzea, e o qual, nascendo nos limites desta e da das Carvalhas, passa por outras freguesias e vai lançar-se no rio Este, em Balazar, concelho da Póvoa de Varzim.

As suas fontes públicas são: a de Amins, a de Lobeira, a de Moços, a do Assento e a de Levandeiras.

É servida pela Estrada Municipal que de Remelhe e Carvalhas vem passar pela parte mais central, junto à Igreja Paroquial, bifurcando-se mais abaixo em duas: uma com comunicação por Gueral com a Estrada n.º 5 (de Barcelos às Fontainhas) e outra por Negreiros com a Estrada de Famalicão à Póvoa de Varzim.

A primitiva Igreja Paroquial, segundo a tradição, era no Monte do Adro, limites de Macieira, e em data indeterminada foi mudada para o sítio onde está.

Esta é antiga, com duas naves (se àquele acréscimo se pode chamar nave) baixa e de aparência humilde.

Aquela mudança da matriz, a dar-se, devia ser muito antes do século XVII, pois em 1638 consta dos «Livros dos visitantes» que ela tinha junto à porta principal um *alpendre* ou *cabido*.

Em 1664 fez-se um púlpito de *pedra esquadria* e em 1696 mandou fazer-se outro *ao moderno* por aquele ser muito tosco.

Em 1693 fez-se o levantamento do arco cruzeiro, das paredes da Igreja e da capela-mor, pelo que se vê que o edifício nunca foi muito alto.

Em 1725 o campanário, que era sobre a porta principal, começava a ameaçar ruína.

Em 1742 as paredes da capela-mor bem como as da sacristia estavam arruinadas e os tetos da Igreja estavam podres.

Em 1750 fez-se a frontaria da Igreja *ao moderno* e tirou-se o *cabido* ou *alpendre* junto à porta principal.

Em 1751 mandou-se fazer um torreão a facear com o frontispício da Igreja, ao lado do sul, visto não existir já o antigo sobre a porta principal.

Aquele torreão, porém, só foi construído em 1818.

Em 1797 manda-se *formalizar* os vestidos de Santo Antônio, «que se achava trajado de hábito de frade capuchinho, com rigorosa congruência», como dizia o visitador daquele ano.

A Residência Paroquial, ao lado nascente da Igreja, precisava de obras em 1638, 1696, 1750 e 1806.

O Cemitério Paroquial, ao lado sul da Igreja, junto ao Adro, tem o seu portão virado à Estrada e nele se vê a data 1893. Contém alguns jazigos de famílias.

O Cruzeiro Paroquial, antigo e tosco, estava antigamente perto da Quintão, donde foi retirado por cerca de 1888. 125

O actual está no terreiro junto ao Adro e é conhecido pelo nome de Cruzeiro da Senhora, talvez por ter vindo do Livramento.

Junto à Estrada, mais acima, há um outro, alto e esguio, em cuja base se vê a seguinte inscrição: OFFERECIDO. POR. SEMEÃO. FERREIRA. DA. QUINTA. DO. HOSPITAL. EM. 1903.

No terreiro de Santo Amaro ou da Senhora, existem mais dois: um junto à capela e outro à entrada daquele terreiro, do lado do poente, ambos toscos e sem arte.

Houve antigamente nesta freguesia a *Capela de Nossa Senhora do Livramento*, no Campo do Ouro, no monte da Saia, limites desta freguesia e das de Carvalhas e Fralães.

Foi fundada por Pascoal da Silva, natural de Silveiros, em virtude de um voto que fez quando vinha embarcado da Baía, onde grangeou parte dos seus haveres, para Portugal.

Junto a essa Capela mandou o seu fundador construir umas casas para vivenda do ermitão ou seu guarda.

Em testamento feito em 1717 quer ele ser enterrado na sepultura metida na parede da Capela, ao entrar para a sacristia, e determina que mais ninguém seja aí sepultado.

Nomeia para administradores dessa capela, em primeiro lugar o Comendador de Chavão e em segundo o seu vizinho mais próximo, João Correia de Lacerda.

Declara que tem dois escravos: uma negra de 15 anos e um mulato de 7 anos e que, se este for capaz, assuma mais tarde o lugar de ermitão.

Institui por sua herdeira universal essa Capela e legasse mais «um crucifixo de marfim, com resplendor de ouro, cruz e calvário de ébano e aos pés as três ima-

gens, também de marfim, de S. Pedro, Santa Maria Madalena e S. Jerónimo».

Esta capela já em 1760 precisava de obras e nota-se a falta de um ermitão que tire algumas esmolas para afervorar o culto *que ia amortecendo*.

Os administradores eram porém remissos em fazer obras nela, bem como na casa do ermitão.

Este, por fim, tal era o estado dela que teve de a abandonar.

Em 1773 nota-se que os ladrões arrombavam a porta da casa para pernoitarem aí, propondo-se então que os administradores a demolissem e aplicassem os seus materiais em obras pias.

O Comendador de Chavão opôs-se porém a essa demolição.

Em vista disso os moradores de Chorrente fazem em 1780 um requerimento a S. A. R. para mudarem a capela para o lugar de Vila, deixando no sítio um cruzeiro de pedra ou padrão.

Não chegou porém a efectuar-se essa mudança. Em 1790 o altar do Livramento já estava na Igreja Paroquial.

Continuando a acção devastadora do tempo completa-se a ruína dessa capela e hoje no sítio onde ela existiu apenas encontramos vagos vestígios dos seus alicerces.

Capela de Nossa Senhora da Purificação ou do *Carvalho*. Esta capela, também conhecida pela denominação de *Santo Amaro*, é muito antiga, não se sabendo a data da sua fundação.

O autor do «Santuário Mariano», tomo IV, pág. 317, diz que naquela época, 1712, se festeja essa senhora no primeiro domingo depois do Santiago.

Que a imagem desta Senhora é de pedra e de «tanta perfeição que se pode ter por manufactura de ar-

tífices do céu». Essa imagem e a de Santa Catarina, também de pedra, se veneram ainda no camarim do altar-mor e devem ser muito antigas, pois por elas se vê o estado primitivo e atrasado dos seus artífices.

O mesmo autor diz que também invocam esta Senhora com o título do Carvalho por se afirmar que aparecera em um grande carvalho que havia naquele sítio. «Porém como aquela gente pela maior parte é rústica, e só cuida da cultura da terra, de que depende o seu sustento e remédio, só deste se lembra, e não cuidam de fazer memória de semelhantes cousas: os párocos também cuidam dos seus interesses e de que haja muitos frutos para recolher, assim não há tradições, nem quem diga nada da sua manifestação que podia ser fosse muito maravilhosa ».

Isto dizia Fr. Agostinho de Santa Maria na obra acima citada, nos princípios do século XVIII.

A primitiva capela era, segundo me informam, urna espécie de Nicho com seu alpendre, fechado com grades de madeira.

No século XVIII foi aumentada e reconstruída em forma de capela, em ponto pequeno e baixo, sendo ampliada nos fins do século XIX.

A imagem de Santo Amaro foi ali colocada na ocasião do primeiro acréscimo e pela devoção deste povo tomou esta o nome do Santo.

Está actualmente sob a administração da junta da freguesia.

Há ainda a pequenina *Capela dos Senhores dos Passos*, no lugar de Vila, ao lado poente da Estrada que vai para Negreiros.

É antiga mas em 1904 foi mudada e reconstruída tal como era. Pertence ao Sr. José Bento de Oliveira.

Há os seguintes Nichos ou Alminhas: o do Bairro e o da Idanha.

Funciona nesta freguesia apenas uma confraria: a das Almas, que dizem foi instituída em 1670, sendo os actuais estatutos aprovados em 29 de Janeiro de 1803.

Pelo censo da população de ,1527 tinha esta freguesia 59 moradores; no século XVII tinha 100 vizinhos; no século XVIII tinha 102 fogos; no século XIX tinha 484 habitantes e pelo último censo da população tem 547 habitantes, sendo 252 varões e 295 fêmeas, sabendo ler apenas 53 homens e 15 mulheres.

Não admira tamanho número de analfabetos pois esta importante e populosa freguesia não tem Escola Oficial de primeiras letras!

Tem Caixa do Correio.

Os seus lugares habitados são: Assento, Carvalho, Costa, Quintão, Souto, Gandarinha, Moços, Torre, Castanheira, Vila, Torrinha, Bairro, Sandim, Idanha, Lobeira, Vinhos, Padrão, Hospital, Amins e Crasto.

As suas casas mais importantes são: a do Hospital, a de Amins, a da Quintão (Quinta de Castro Verde), a de Sandim, a do Bairro, a do Assento, a de Vinhos, a de Vila, que tem no portal a data 1728, as do Miranda, Lemos e Andrade, na Costa.

A casa de Amins, tendo no portal o escudo com as armas dos FONSECAS, é considerada o solar de um dos ramos desta família.

No portal da Casa da Quintão existe um emblema muito curioso: consta de uma taça redonda, que parece uma gamela vista de frente, e sobrepostas uma colher e um ferro de pedreiro, de assentar.

Em volta tem uma inscrição incompreensível pelas abreviaturas.

Dizem que este portal foi mandado construir por um *brasileiro* que ganhara os seus haveres nas minas do ouro, colocando no escudo as peças representativas da sua indústria.

Sendo assim é um brasão de trabalho do qual não devemos desdenhar.

Na Casa do Hospital de notável apenas existe no seu terreiro um tanque em que a água caía por três bicas, com um nicho ermo de seu morador: são os únicos restos das suas passadas grandezas.

A indústria desta freguesia está reduzida a alguns moinhos de farinar e a um engenho de serrar madeira, e o seu comércio a uma loja ou mercearia.

Dos homens mais ilustres mencionaremos os seguintes : Domingos Tomé da Fonseca, natural de Chavão, senhor da Casa de Amins em Chorento pelo seu casamento com Francisca André, e em quem muitos genealógicos fazem tronco dos FONSECAS desta casa.

Bento da Fonseca, nascido no século XVII na casa de Amins, casado em Barcelinhos com Isabel Coelho, foi Procurador da Coroa em Barcelos. Depois de viúvo ordenou-se de clérigo e foi Abade de Creixomil e de Santa Maria de Abade do Neiva. Foi pai do Dr. Bento da Fonseca, F. da C. R., Desembargador do Paço e Enviado Extraordinário a Roma. O Dr. Manuel José da Costa Felgueiras Gayo, senhor da Casa do Hospital, Formado em Direito pela Universidade de Coimbra nos fins do século XVIII, exerceu os principais cargos da governação em Barcelos e escreveu 32 volumes de genealogias e costados, cuja obra monumental se conserva no Cartório da Santa Casa de Misericórdia de Barcelos.

Manuel João de Faria, que viveu por 1635, foi senhor da Casa do Hospital e instituidor de um vínculo.

Dr. Luís da Cruz Ferreira, natural desta freguesia, Médico Cirurgião pela Escola do Porto, Sub-Delegado de Saúde em Barcelos, clínico no Hospital da Misericórdia, pertenceu à primeira Comissão Administrativa da Câmara Municipal, nomeada após a implantação da República, e faleceu em 1928.

Em 1647 era pároco desta freguesia Bento Lobo de Faria.

Este virtuoso reitor foi um zeloso mantenedor dos bons costumes dos seus fregueses.

Haja em vista as medidas que estabeleceu e fez cumprir : mandou colocar à porta principal da Igreja um homem de *sã consciência* para tomar nota dos que vinham tarde à missa ou que estavam a conversar durante ela no Adro e proibiu sob multa de 100 reis de cada vez que as *mulheres solteiras cabaneiras se assentassem na Igreja diante das casadas*, o que causava *grande inquietação na Igreja*.

Felizmente não houve só este pastor tão zeloso: outros se lhe seguiram. Assim, o seu sucessor Teodoro da Silva Ribeiro em 1669 proibiu que os fregueses se ajuntassem no Adro a conversar antes ou depois da missa para evitar desavenças com risco de *virem a dar pancada*, e em 1677 proibiu igualmente a entrada na Igreja para ouvirem a missa a homens com o *cabelo entrançado e atado*.

E ainda em 1618 o reitor João Gomes proíbe os serões, fiadas e espadeladas de noite, com ajuntamento de homens e mulheres, e os grandes jantares na ocasião dos enterros de pessoas de família.

Parece que estas acertadas medidas produziram os seus efeitos, pois nunca mais ouvi falar nos tempos posteriores em estes ou em outros abusos; a moralidade triunfou felizmente!